

CONSTÂNCIA: MODA, RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DO AGRESTRE AO SERTÃO

Constance: Fashion, Wealth and abundance of the agreste to the backwoods

Resumo: Pretendemos, nesta pesquisa, cuja inspiração é o nordeste brasileiro, criar uma coleção de moda, *Constância*, direcionada ao público feminino, com vestidos de festa e casuais que irão refletir o clima, a literatura, as religiões e crenças do local. Desse modo, a coleção proposta neste trabalho será composta de peças sofisticadas, assim como casuais e versáteis, podendo ser usadas do dia até a noite.

Palavras-chave: *Constância*, Moda, Nordeste.

Abstract: In this research, whose inspiration is northeastern Brazil, we intend to create a fashion collection aimed at the female audience, with festive and casual dresses that will reflect the climate, literature, religion and beliefs of the place. Thus, the collection proposed in this work will be composed of sophisticated pieces, as well as casual and versatile, to be used in the morning and night.

Keywords: *Constância*, Fashion, Northeast.

Introdução

*“Acredito que toda arte é local,
Antes de ser regional,
Mas, se prestar, será
contemporânea e universal”
Ariano Suassuna¹*

Quando se fala em Nordeste, é comum lembrar-se de uma imagem pré-concebida dos nordestinos, os quais a produção cultural brasileira e os habitantes de outras locais avaliam como “inferiores”, discriminados e marginalizados. Com isso, a região permanece marcada pela seca e pelo sofrimento de seu povo.

No entanto, o Nordeste não se reduz à imagem de marginalização da região e de seu povo. A riqueza cultural, histórica, turística e, principalmente, religiosa também caracteriza esse espaço de múltiplas tradições, conforme aponta Aline Fialho:

Quanto ao que diz respeito à cultura regional nordestina, e nela está incluída a do sertanejo, somos remetidos à representação da imagem do nordestino como oriundo daquela terra de um solo vermelho, rachado pelo sol escaldante, a terra dos cangaceiros, vaqueiros, terra das caatingas,

¹Trecho retirado da obra *Romance da pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, de Ariano Suassuna. SUASSUNA, A. **Romance da pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

mandacarus, carcarás e gaviões, o migrante nordestino, flagelado e desnutrido, dentro de um 'pau-de-arara-', fugindo da seca, agarrado à esperança de uma sina melhor no sul. [...] Não paramos para pensar que nos dias de hoje, traços da cultura nordestina estão presentes na culinária, nas danças, festas, até em algumas expressões e ditos populares. Falta apenas que essa rica herança cultural seja devidamente preservada e estudada (FIALHO, 2006, p. 4).

A partir da pesquisa realizada neste trabalho sobre o Nordeste, nossa marca proposta, *Constância*, terá como inspiração as riquezas culturais, climáticas, literárias e religiosas da região, as quais retrataremos a partir de vestimentas femininas. Buscamos, além disso, retratar em formas, estampas e cores a religiosidade e literatura do cordel, elementos que simbolizam a riqueza cultural do Nordeste e que contrastam com a visão estereotipada de um Nordeste de seca e pobreza. Ao contrário, propomos, aqui, uma vestimenta em que haja versatilidade e um colorido tal como há, nessa região com múltiplas tradições, classes e estilos.

Dessa forma, nossa coleção *Constância*, composta de vestidos sofisticados e casuais direcionados ao público feminino, terá como vetor de sua composição elementos dessa região tão rica e abundante: a literatura de cordel, por exemplo, nos trará a inspiração para as estampas; o clima e a vegetação serão retomados a partir dos tons terrosos e verdes, que terão predominância na coleção, além de tecidos como o algodão cru e malha bandagem; as suas crenças e religião, por sua vez, estarão representadas, também, em tons cromáticos, com as cores azul, rosa, vermelho, branco e amarelo. Desse modo, ao estereotipado Nordeste de seca e pobreza, lançaremos, por meio de cores e estampas, um novo olhar: o da riqueza e o da abundância.

1. O Nordeste e seu clima

Com relação ao clima, o Nordeste é caracterizado pela seca, provocada por diversos fatores, dentre eles, a localização geográfica. A região está situada na zona intertropical da Terra, portanto, por causa da quantidade de luz que incide na superfície do local, a temperatura é muito elevada durante o ano todo. Nessa região, as chuvas não são bem distribuídas no decorrer do ano.

Na concepção do senso comum, quando se fala da região nordestina brasileira, em alguns aspectos que a caracterizam, são lembradas questões como a seca, símbolo emblemático representado na literatura canônica brasileira por

Graciliano Ramos, no romance *Vidas Secas* (1938), que destaca: “O sol escaldante queima o olhar. O mormaço ocupa o espaço do ar se respirar”.

Com base, portanto, nessas reflexões tecidas sobre o clima nordestino, por meio da coleção proposta neste trabalho desejamos retratar essa ambientação, transmitindo a leveza e transparência das águas, com tecidos maleáveis e cores claras; além de a brutalidade e dureza da seca, por meio, sobretudo, de tons terrosos, remetendo ao sertão e à caatinga, mas com um novo olhar para um Nordeste diferente do que as mídias de comunicação de massa (televisão, filmes, rádios) sempre relatam. Almejamos mostrar que há, sim, maleabilidade neste Nordeste de seca, apesar das condições duras que a natureza a ele impõe.

Sendo assim, nossa marca *Constância* apresentará uma coleção com *looks* que compõem um cenário ascendente, rico em detalhes, com estampas e cores características deste clima, de acordo com a diversidade climática, cultural e social nordestina.

2. Religiosidade Nordestina (sertaneja)

A cultura nordestina é marcada por diversas manifestações religiosas que sofreram grande influência dos indígenas, africanos e europeus. A religião do Nordeste é majoritariamente a católica, mas também há um espaço importante na região para outras religiões, como a fé evangélica, o candomblé e a umbanda.

O sertanejo tem em sua origem, além das populações nativas, outros grupos que se integraram a ele, oriundos de diversas regiões da África, com diferentes formações culturais e religiosas; da Europa, de onde receberam forte influência cristã católica e judaica, o que consolida o caráter mestiço da religião cristã no Brasil, não cabendo, portanto, conceitos que venham a dividir os segmentos sociais a partir de suas crenças.

Silva (2009) afirma que se podem apresentar, como características da religiosidade popular nordestina, as preces, as devoções e as peregrinações. Todos esses elementos fazem parte do universo do fiel, independentemente do nível social. Sendo assim, a fé e suas formas de demonstração não podem ser definidas tendo como referência categorias sociais.

A partir disso, o Nordeste se desenvolveu e se transformou num imenso caldeirão étnico, motivo pelo qual não é possível reduzir a região apenas a sinônimo

de seca e pobreza, haja vista a sua gigante riqueza cultural. O Nordeste é composto por crenças, ritos, lendas, mistérios sobrenaturais, cultos e religiões; e independentemente de estarem vinculadas a esta ou aquela igreja, templo, centro ou terreiro, o povo nordestino ainda é fiel e credita certos feitos, curas ou “milagres” ao poder dos orixás, mestres, benzedeiros, curandeiros e rezadeiras junto às forças sobrenaturais.

Desse modo, ainda de acordo com Silva (2009), por conta de todas essas crenças do povo nordestino, a tentativa de compreender o universo sertanejo deve passar por uma reflexão a cerca da cultura religiosa dessa gente, que sempre ocupou espaço nas discussões em torno da atuação da igreja católica no Brasil, por vezes vista como uma anomalia, fanatismo, fetichismo, outras como um elemento de luta contra a opressão. A partir disso, o autor aponta que as opiniões são as mais diversas e levam, às vezes, a conclusões carregadas de preconceitos.

Nesse aspecto, o caráter popular da religiosidade no Nordeste no período do cangaço é uma representação de memória coletiva, ou seja, uma manifestação supersticiosa e vulgar de crenças. Chandler (1980, p.77) aborda a questão da religiosidade popular nordestina com uma crítica denotadamente preconceituosa, classificando o sertanejo e, em especial, os nordestinos como ignorantes no aspecto de adesão à prática da religiosidade popular mística, conforme podemos observar em sua descrição sobre o Padre Cícero e a religiosidade do povo nordestino:

[...] embora merecesse a reputação de ser um homem excepcional, não era fora do comum, naquela região, ver o povo considerar como santo uma pessoa que se destacasse por sua religiosidade. Os que o precederam, assim como os que se seguiram, foram padres carismáticos, místicos, sinceros, fanáticos, embusteiros, desequilibrados e, às vezes, perigosos. Para **a massa ignorante e supersticiosa do Nordeste**, todas essas figuras populares tinham uma característica em comum. Possuíam poderes mágicos, ou, para os mais sofisticados, eram eficazes intercessores junto à força ou às forças que governam o universo. **A religião do povo do sertão** – aparentemente, romana, católica, porém de uma modalidade bem mais popular – **não está longe do primitivismo** (CHANDLER, 1980, p. 77 – grifos nossos).

A partir disso, notamos uma descrição de uma cultura carregada de preconceito e juízo de valor negativo, considerando uma prática religiosa de um povo como “ignorante”, “supersticiosa” e “primitiva” – o que não está longe de muitas opiniões encontradas no senso comum. Entretanto, conforme esclarece Malcolm Barnard (2003), a Moda e Indumentária podem ser usadas para dar sentido ao

mundo e às coisas e às pessoas nele inseridas, pois são fenômenos comunicativos. Dessa forma, é por meio desse discurso – o da Moda – que pretendemos rebater as críticas apontadas contra a cultura e religiosidade nordestinas. Entendemos que a religião, como um sistema estruturado de significados, uma cultura, permite aos indivíduos construir uma identidade por meio da comunicação. Assim, toda religiosidade só pode ser entendida como uma riqueza e patrimônio, em que nada há de ignorante ou primitivo.

Logo, tendo em mente essa diversidade religiosa nordestina, que é um sentimento muito forte entre os sertanejos, a temática será representada na coleção por meio das cores vivas, com estampas e símbolos que comporão as peças, destacando a devoção religiosa. Procuraremos demonstrar, assim, como a religião é essencial para a região, pois essa fé inabalável do povo sertanejo recorre para renovar as esperanças de uma seca menos rigorosa, para curar os males e apontar para um futuro menos sofrido; logo, em oposição a essa ideia de seca, revela-se a verdadeira aparência da região, rica e exuberante.

3. O Cordel Nordestino

A literatura de cordel recebe esse nome em virtude do modo como era produzida e vendida comercialmente. Uma narrativa versificada era impressa em pequenas folhas, de baixo custo. Uma folha de papel jornal, por exemplo, dobrada em quatro ou oito partes iguais, seria suficiente para compor um pequeno folheto. A capa trazia alguma xilogravura que reproduzisse minimamente o conteúdo do texto. Assim, o nome “cordel” refere-se aos barbantes ou “cordões” nos quais eram pendurados os folhetos para serem comercializados em bancas de feiras e mercados do Nordeste brasileiro. É oportuno apresentar o que escreveu a respeito do cordel o cordelista Alexandre Pavan:

*Cordel quer dizer barbante
Ou senão mesmo cordão
Mas cordel-literatura
É a real expressão
Como fonte de cultura
Ou melhor, poesia pura*

O Cordel utiliza as mais variadas linguagens, entre elas a literatura, o teatro, a música e a dança. A narrativa do Cordel é um convite à imaginação, uma vez que foi, durante décadas, praticamente o único veículo de comunicação com que contava o povo sertanejo. Os poetas contadores faziam chegar aos pontos mais distantes não apenas os romances e histórias fantásticas, mas também os acontecimentos da época.

Devido à abrangência dos temas que configuram a poesia do cordel, várias classificações foram propostas, visando facilitar a abordagem do cordel. Orígenes Lessa (1955) criou uma classificação para essa literatura, dividindo em sete ciclos temáticos: 1. O heroico (obras épicas, cangaço); 2. O histórico (grandes nomes da história do Brasil, a seca e os retirantes); 3. O maravilhoso (seres fantásticos, acontecimentos mágicos); 4. O religioso e moral (histórias bíblicas, de santos e milagres, usos e costumes); 5. O de amor e fidelidade (histórias românticas com final feliz); 6. O cômico e satírico (sátira política, caricaturas de tipos); 7. O circunstancial (acontecimentos recentes, fatos políticos).

Devido a essa variedade de temas que configuram as poesias do cordel, podemos afirmar, sem medo de errar, que todo o universo do povo nordestino serviu e ainda serve para a construção do cordel: economia, política, ética, religião, afetividade, sexualidade, agressividade, heroísmo e misticismo, etc. A riqueza desta literatura nos conduz à identidade cultural de grupos sociais, à revitalização de processos criativos na cultura brasileira de hoje.

Nota-se, no dizer de Ariano Suassuna (2012), “Acredito que toda arte é local,/ Antes de ser regional,/ Mas, se prestar, será/ Contemporânea e universal”, apontando para o que desejamos para a coleção: a ideia de um Nordeste repleto de tradições, com sua riqueza cultural, histórica, turística e, principalmente, religiosa, abarcando todas as mulheres em qualquer estado ou país. Assim, as temáticas presentes na literatura de cordel serão retomadas em nossa coleção a partir de estampas de formas, de modo a contarmos histórias, por meio das nossas peças, de maneira semelhante a como são contadas nos varais dos cordéis.

² Estrofe retirada do folheto *Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país*, de Rodolfo Coelho Cavalcante. CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país*. Salvador/BA, [s.e.], 1984.

Com isso, desejamos criar peças que vistam mulheres desejosas de conhecer e experienciar novas culturas, artes e conhecimento religioso, a partir de vestimentas que façam referência a uma memória coletiva local, isto é, por reproduzirem uma cultura regional (a nordestina) através de estampas, cores e formas, que mimetizem elementos dessa cultura, transformando-a tanto em um produto de consumo quanto em uma nova leitura dessa região.

Conforme esclarece Mesquita (2006):

Após a fase de inversão dos referenciais criativos nos anos 1960, reforçada pela consolidação do prêt-à-porter (lembre-se: a rua e o sujeito como referenciais de moda em prejuízo das diretrizes da alta costura) não há mais como se localizar precisamente onde nascem as ideias de moda, elas estão por toda a parte e aparecem também na maneira como as pessoas compõem seu look (MESQUITA, 2006 p.95).

Se já não há, então, como precisar onde nascem as ideias de moda, usaremos a diversidade dessa região geográfica como referência, expondo, na coleção, as possibilidades que tanto a Moda como o Nordeste podem nos dar.

Dessa forma, com a marca *Constância*, desejamos vestir mulheres com formas e figuras que representem a literatura de cordel e suas diversificadas temáticas; com cores que lembrem o sertão, o clima e rios da região, como os tons terrosos, bem como com tecidos que transportem a riqueza das crenças e da religiosidade nordestina, como a versatilidade do algodão cru e os florais e cores fortes da chita.

Considerações finais

Para captar toda a multiplicidade por meio de um novo olhar para o Nordeste, idealizamos, com esta pesquisa, a criação da marca *Constância*, constituída de vestidos sofisticados e para ocasiões informais, para a qual o clima, a religiosidade, a crença e a literatura de cordel da região deram-nos a inspiração ao idealizar uma coleção de moda que reflita um Nordeste diferente de seu estereótipo, vestindo mulheres em busca de algo significativo.

O público-alvo que desejamos atingir com esta coleção são mulheres que admiram peças revestidas de valor cultural simbólico, pertencentes às classes B e C. Essas mulheres são bem-sucedidas, com alguma carga cultural, e procuram

vestidos bem estruturados para festas ou mesmo para uma ocasião informal, sem exageros e com praticidade. Mulheres que apreciam a cor, a roupa bem construída, com significados através dos panos e aviamentos, assim utilizando os vestidos para simbolizar seu grupo social. Demonstramos isso com misturas de matérias-primas que percorrem desde as de aspecto mais inflexível ao mais brando, de acordo com cada proposta, aplicando tecidos como algodão cru, chita, malha bandagem, renda e crepe. A proposta é que, ao vestir tais peças, nossas consumidoras possam experimentar a memória, as tradições e a história social do Nordeste.

Referências

BARNARD, M. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país**. Salvador/BA, [s.e.], 1984.

CHANDLER, B. **Lampião, rei dos cangaceiros**. Trad. Sátira Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

FERREIRA LIMA, A. C. A. **Permanência do ciclo místico- religioso na literatura de cordel e sua correlação com níveis de construção textual**. 2008. 189 f. Tese de Pós- Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, 2008.

FIALHO, A. F. **A identidade regional nordestina nos sistemas de significação do consumo de moda**. Artigo de Especialização. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2006.

LESSA, O. Literatura popular em verso. **Anhembi61**, São Paulo, p. 60-87, dez., 1955.

MESQUITA, C. **Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

RODRIGUES DA SILVA, L. **Cangaço e religiosidade no Nordeste do Brasil** [da Conferência de abertura do I Cangaço], Ceará, Set. 2009.

SUASSUNA, A. **Romance da pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SLATER, C. **A vida no Barbante: A literatura de cordel no Brasil**. Trad. Octave Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.